

UMA MENTE brilhante. Direção: Ron Howard. Produção: Brian Grazer e Ron Howard. Roteiro: Akiva Goldsman. Intérpretes: Russell Crowe; Ed Harris; Jennifer Connelly e outros. [Manuas : Microservice], 2001. 1 fita de vídeo (135 min).¹

Wilson Junior Weschenfelder²

Este filme destaca a esquizofrenia de John Nash, um dos maiores matemáticos do século passado e ganhador do Prêmio Nobel de Matemática por desenvolver novas teorias para o mercado global.

O diretor aborda neste filme a esquizofrenia pelo aspecto do doente, apresentando a vida de Nash e suas “loucuras”, onde sua vida era rodeada por conspirações, guerras, terrorismo, experiências da vida acadêmica, amigos irrealis, etc. Sob o ponto de vista do doente, a história se desenvolve normalmente como um filme de espionagem, com encontros secretos e tentativas de assassinato de possíveis alvos, tudo supostamente real.

Deste modo, após grandes delírios de Nash, o filme inverte e apresenta a esquizofrenia pela lado da esposa de Nash, o demonstra, neste aspecto, uma “loucura” real, com delírios que colocam em risco sua vida e a de seu filho, surto psicóticos e instabilidade emocional, caracterizado pela esquizofrenia. Após diversos tratamentos com overdoses de insulina e fortes medicamentos, John Nash começa a retornar a realidade e começa a distinguir que parte de sua vida era imaginária, reiniciando um novo tratamento, o de educar sua mente para estas pessoas e conspirações imaginárias.

¹ Resenha apresentada à disciplina de Psicopatologia Geral - 2004/2 da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC.

² Acadêmico de Biologia

O que é ser normal? O que é ser louco? Como se classifica a loucura? Estas são perguntas que o homem tenta responder a muitas décadas, sendo que com os avanços científicos e com ajuda da tecnologia pode responder algumas mas, ao mesmo tempo, questionar-se de outras. O filme Uma Mente Brilhante apresenta, no mínimo, duas versões da esquizofrenia: a do doente e dos seres que a observam, que respectivamente, seria algo quase normal e outra como um louco perigoso.

Algumas pesquisas já demonstraram que a loucura possui muitas raízes e variáveis, sendo algumas delas estritamente um modo de vida, como outras, uma demência sem cura. Nesta classificação geral da loucura, muitas pessoas que assumem o domínio ou a fuga da realidade, também são ditas loucas. No dicionário louco é quem perdeu a razão, que é alienado, doido. Então presume-se, sob um ponto de vista particular, alguém que possui noção do caminho que a humanidade está tomando, dos seus problemas, e que vivendo com hábitos impostos por uma consciência destrutiva, poderá ser considerado anormal?

Sabemos que a sociedade nos últimos séculos dita a normalidade do seres humanos onde a moda, a cultura, as tradições de um lugar à outro, podem ser considerados algo anormal, uma "loucura". A subjetividade humana muitas vezes é visto pela sociedade como algo perigoso, que é contra a vontade comum, mas também não é visto o ponto de vista do possível doente, será que está certo?

Porque não tratar a anormalidade e a loucura como desvios e não como um perigo à sociedade e um modo de acabar é enclausurar e entorpecer de remédios. Entendo neste ponto a fragilidade da sociedade em entender e adaptar-se a certos casos, devendo ser muito mais humana e superior quando tratar de questões pouco conhecidas e não colocar em prática um dito popular muito antigo: "cortar o mal pela raiz".